

## INIMIGOS IMAGINÁRIOS: DEIMOS, FOBOS, *PATHOS* E *ETHOS* EM DISCURSOS BOLSONARISTAS

DOI: 10.47677/gluks.v23i1.357

Recebido: 24/02/2023

Aprovado: 17/07/2023

ARAÚJO, San Thiago de <sup>1</sup>  
MAZZARO, Daniel <sup>2</sup>

**RESUMO:** O domínio político é um campo de dramatização orientado a produzir efeitos na instância cidadã. Vale-se de enunciações para afetar o público eleitor, por vezes, através das emoções e da criação de imagens para os sujeitos falantes. Assim, este artigo objetiva analisar quatro formulações bolsonaristas a fim de, identificando regularidades entre elas, refletir sobre os efeitos patêmicos que produzem e os *ethé* que constroem de Jair Bolsonaro. A partir de um estudo de *ethos* e *pathos* projetados nos discursos bolsonaristas, objetiva-se caracterizar os próprios imaginários sociodiscursivos que fundamentam e justificam essas enunciações. Para isso, a análise baseou-se nos pressupostos teóricos da Semiologia, proposta por Patrick Charaudeau, e realizou buscas virtuais por registros de situações comunicativas a partir de quatro temáticas: banheiro unissex, “*kit gay*”, destruição da família e ameaça comunista. Seleccionadas em um gesto analítico prévio, essas temáticas têm em comum a delimitação, por parte dos enunciados de Bolsonaro, dos posicionamentos bolsonaristas e de seu principal adversário: Lula. Identificamos a patemização de medo frente a um inimigo e a construção de *ethé* que significam Bolsonaro como digno de credibilidade para o enfrentar. Nas situações que são apresentadas, a designação de um mal visa ao alinhamento da população contra inimigos comuns.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiologia, *Ethos*, *Pathos*, Política brasileira, Bolsonarismo

---

1 Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Membro pesquisador dos Grupos de Pesquisa CID - O Corpo e a Imagem no Discurso, LIA - Linguagem Humana e Inteligência Artificial e EDQueer - Estudos Discursivos na perspectiva Queer. Fundamentado em estudos discursivos e decoloniais, estuda o funcionamento sociodiscursivo dos conceitos de sexo, gênero e sexualidade, investigando as categorizações e emergência de identidades pautadas nesses conceitos. E-mail: santhiago.araujo@gmail.com.

2 Doutor em Linguística do Texto e do Discurso na linha de Análise do Discurso pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da UFMG. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atuando no Núcleo de Língua Espanhola (NUCLES) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL-UFU) na linha "Linguagem, sujeito e discurso". É líder do grupo EDQueer (Estudos Discursivos na perspectiva Queer), da UFU, e membro do grupo EDAEL (Estudos do Discurso Aplicados à Educação Linguística), da UFMG. Tem experiência na área de Linguística atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Linguística em Língua Espanhola, Ensino-aprendizagem de Gramática, Marcadores/Conectores Discursivos, Análise do Discurso, Semiologia, Estudos Queer e Linguística Aplicada. E-mail: daniel.mazzaro@ufu.br.

## **Introdução**

Na mitologia grega, Fobos e Deimos eram dois irmãos gêmeos, filhos de Ares, o deus da guerra, e Afrodite, a deusa do amor. Segundo o mito, os dois irmãos simbolizavam, respectivamente, o medo e o terror e, por isso, acompanhavam seu pai nos campos de batalha para desestabilizar seus inimigos. Os irmãos eram os encarregados de conduzir o carro de seu pai nas guerras, levando o pânico e o desequilíbrio aos adversários, para que, então, Ares agisse contra eles.

Tomando os filhos de Ares como verdadeiras personificações do medo e do terror, é possível perceber novas formas de sua atuação na contemporaneidade. Isso porque, no domínio político brasileiro dos últimos anos, o pânico não é propagado (apenas) para desestabilizar os inimigos, mas também para orientar os aliados em uma luta comum, ainda que contra inimigos criados imaginariamente.

A criação de inimigos combatíveis é uma estratégia comum em diversos pronunciamentos de bolsonaristas, como comprovaremos no decorrer deste texto. Essa prática é uma regularidade característica de enunciações oriundas do ex-Presidente do Brasil (2019-2022) e de sua rede de apoiadores; bem como é uma marca distintiva dos imaginários sociodiscursivos que embasam e justificam seus posicionamentos políticos e sociais. Sendo assim, o objetivo deste texto é desenvolver um estudo discursivo semiolinguístico de algumas dessas práticas languageiras, descrevendo os imaginários sociodiscursivos bolsonaristas a partir dos possíveis efeitos de sentido patêmicos que produzem e das imagens discursivas que constroem para o líder político que está no centro desse discurso, isto é, o próprio ex-presidente Bolsonaro.

Desse modo, após a apresentação, nesta seção introdutória, dos objetivos e das motivações deste texto, a seguir, expomos o quadro epistemológico em que nos baseamos; explicitamos os procedimentos metodológicos pelos quais fomos conduzidos; descrevemos e analisamos discursivamente as situações comunicativas que selecionamos como *corpus*; e, por fim, tecemos algumas considerações sobre o estudo que desenvolvemos.

## **Fundamentação Teórica**

Dentre diferentes vertentes de estudos que se convencionou chamar Análise do Discurso (AD), está a Semiolinguística, proposta por Patrick Charaudeau, que, de forma geral,

fundamenta os estudos desenvolvidos neste texto. Segundo o autor (CHARAUDEAU, 1996), o caminho para as análises semiolinguísticas é duplo: trata de identificar as características dos comportamentos linguageiros dos sujeitos envolvidos em função de suas condições psicossociais e das situações comunicacionais em que ocorrem as interlocuções.

Conforme essa perspectiva, todo ato de linguagem nasce de uma situação de troca linguageira e indica uma intencionalidade dos sujeitos falantes. Desse modo, a comunicação é caracterizada por um princípio da alteridade, de acordo com o qual é preciso que haja, para a efetividade da troca, um Eu que comunica a um Tu que interpreta (CHARAUDEAU, 2007). Além disso, para que seu efeito comunicacional seja válido, o ato de linguagem obedece a um princípio de pertinência (CHARAUDEAU, 1996), que diz respeito ao reconhecimento recíproco dos sujeitos envolvidos no intercâmbio linguageiro, para exercerem seu direito à fala/escrita, tal como equivale a um mínimo de saberes comuns partilhados entre eles, para que essa tomada de palavra possa acontecer (CHARAUDEAU, 1996). Há, ainda, um princípio de influência, que estabelece que o outro constitui uma interrogação ou ameaça, de modo que “o sujeito que fala deve tentar fazer com que o outro entre em seu universo de discurso” (CHARAUDEAU, 2007, p. 243); e um princípio da regulação, cuja função é regular os modos de dizer, uma vez que se supõe que o outro – a quem se fala – também tem o seu projeto de influência (CHARAUDEAU, 2007). Os dois últimos princípios – influência e regulação – possibilitam que os sujeitos em interação tenham “uma certa margem de manobra que lhes permite praticar estratégias” (CHARAUDEAU, 1996, p. 34). Essas, por sua vez, visam a concretizar a finalidade constituinte do projeto de fala daquele que toma a palavra.

Charaudeau (1996) também assevera que a significação de um ato de linguagem, isto é, sua produção e atribuição de sentidos, realiza-se num duplo espaço: um interno à verbalização, que comporta os elementos mínimos para que uma troca linguageira possa acontecer; e um externo, que ultrapassa a enunciação do ato e que implica saberes prévios sobre os comportamentos de pessoas vivendo em sociedade e sobre suas experiências de mundo. Saberes esses que nem sempre são expressos, mas que são essenciais para a significação do ato de linguagem. A realidade, compreendida como o mundo empírico em seu estado bruto a-significado, aguarda ser significada. A partir do momento em que é significada, formata-se em real, sendo estruturada e construída por meio de atividades significantes que se dão através de práticas de linguagem. Assim, é o discurso que constrói o real (CHARAUDEAU, 2017). Observamos, com isso, que não há sentidos apriorísticos para os

signos – palavras, textos, enunciados, visualidades corpóreas etc. –, o que há é a sua construção significativa que, por sua vez, depende das visões de mundo que sustentam, justificam e fazem coerentes tais significações.

Para Charaudeau (2017, p. 578), as representações sociais são os mecanismos que constroem a “significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significativa”, engendrando saberes e apreensões do mundo, isto é, imaginários. Os imaginários são denominados por Charaudeau (2005; 2017) de sociodiscursivos, uma vez que a atividade de simbolização do mundo ocorre dentro de domínios das práticas sociais (artística, jurídica, política etc.) e que esses imaginários são produzidos pelos discursos circulantes no interior de grupos sociais, organizando sistemas de pensamento, criando valores, justificando as ações e depositando-se na memória coletiva de seus integrantes, eles – os imaginários. Além disso, os imaginários sociodiscursivos são imanentes a saberes que se articulam em sistemas de pensamento que, por vezes, são investidos de *pathos* e *ethos* (CHARAUDEAU, 2017). É à identificação e à análise dessas provas retóricas que nos dedicamos neste texto, para a descrição dos imaginários sociodiscursivos bolsonaristas.

As representações patêmicas engajam os sujeitos em comportamentos reacionais em função das normas dos grupos sociais em que estão inseridos, as quais os sujeitos interiorizaram e/ou que permanecem em seus imaginários (CHARAUDEAU, 2010). De acordo com o autor,

uma representação pode ser chamada de “patêmica” quando ela descreve uma situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente compartilhado – e, por conseguinte, instituído em norma social – questiona um actante que acredita ser beneficiário ou vítima, e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado de uma maneira ou de outra (CHARAUDEAU, 2010, p. 31).

Trata-se, assim, de afetar o outro por meio de seu discurso. Uma representação patêmica, na perspectiva do autor, equivale à utilização de estratégias discursivas que provoquem a adesão passional do interlocutor por meio de afetos, o que depende da situação sociocultural em que o ato de linguagem ocorre e dos imaginários sociodiscursivos dos sujeitos envolvidos.

Já no que tange ao *ethos* – a construção de uma imagem de si no discurso –, trata-se de uma estratégia discursiva em que o sujeito falante responde à necessidade de fazer-se reconhecido como digno para exercer seu ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2007). Conforme afirma Amossy (2016, p. 9), “[t]odo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. De acordo com a autora, essa construção não se limita a técnicas apreendidas e/ou artifícios empregados de forma voluntária, intencional e/ou consciente, mas, pelo contrário, efetua-se, por vezes, à revelia dos sujeitos falantes em seus intercâmbios linguísticos. A construção do *ethos*, nesse sentido, atende à exigência de que os interlocutores, em sua interação, forneçam, voluntária e/ou involuntariamente, certas impressões de si mesmos que participam da influência exercida mutuamente uns sobre os outros (AMOSSY, 2016).

### **Procedimentos metodológicos**

Em consonância ao que defende Charaudeau (2017), o papel do analista de discurso, em relação aos imaginários sociodiscursivos, é identificar como eles aparecem, em quais situações comunicativas se inscrevem e quais visões de mundo eles testemunham. O autor também afirma que, ao estudar esses imaginários, torna-se perceptível seu contraste entre distintas comunidades emissoras; menciona que se descobre, analisando-os, que os saberes e discursos diferem de uma comunidade à outra, revelando suas características identitárias. Assim, dentre várias abordagens possíveis para sua descrição, e tendo em vista que são investidos de *ethos* e *pathos*, como explicitamos na seção anterior, a análise à qual nos entregamos aqui consiste em estudar os imaginários sociodiscursivos bolsonaristas através dos efeitos patêmicos regulares em suas enunciações e do *ethos* que constroem para a figura central desses imaginários, o ex-Presidente da República Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Fizemos uma seleção de materiais midiáticos virtuais – notícias, vídeos, reportagens, entrevistas etc. – que põem em cena algumas discursivizações bolsonaristas. Essa seleção se deu através de buscas simples em *websites* de pesquisas por temáticas levantadas em momentos de campanha, são elas: banheiro unissex em escolas, “*kit gay*”, destruição da família e ameaça comunista. Tais temas foram elencados como norteadores das buscas, tendo em vista uma regularidade observada previamente: todos eles, em discursivizações bolsonaristas, são significados como pautas às quais são favoráveis os seus principais adversários políticos (Lula, PT, esquerda) nas duas eleições presidenciais que disputou, tendo

valorações negativas em enunciações bolsonaristas. Ou seja, as quatro temáticas têm em comum, segundo regularidades observadas e descritas na seção seguinte, o fato de Lula, seu partido político e aliados serem-lhes favoráveis, e Bolsonaro, líder político do bolsonarismo, lutar contra elas. São, portanto, quatro temáticas que, de acordo com as próprias enunciações, delimitam e distinguem o bolsonarismo, bem como o petismo/lulismo/esquerdismo. Destacamos que as transcrições das duas primeiras situações foram feitas por nós, durante a escrita deste texto, e que, para facilitar a retomada desses atos de linguagem que selecionamos como *corpus*, referimo-nos a eles pelas identificações A1, A2, A3 e A4.

A partir disso, descrevemos algumas enunciações bolsonaristas registradas nesses materiais midiáticos que colocam em circulação essas quatro temáticas mencionadas e analisamos os efeitos patêmicos e *ethos* construídos, caracterizando, por conseguinte, os imaginários sociodiscursivos que delas emergem. Cabe destacar, entretanto, que, conforme afirma Charaudeau (2010), a relação patêmica não deve ser compreendida – e não é tomada aqui – em vista da emoção sentida e experienciada, mas sim sob a égide de seus efeitos supostos e/ou visados. Consideramos a emoção “como um possível surgimento de seu “sentido” em um sujeito específico, em situação particular” (CHARAUDEAU, 2010, p. 34), sendo esse o motivo de referirmo-nos a esses efeitos como *pathos* ou efeitos patêmicos, em detrimento de emoção. Além disso, é preciso ressaltar também que a construção do *ethos* “supera largamente a intencionalidade do sujeito que fala e age” (AMOSSY, 2016, p. 13), uma vez que é inerente às trocas verbais e submetida a regulamentações socioculturais, ou seja, inerente aos papéis sociais dos sujeitos e aos dados situacionais do ato de linguagem.

### **Os (inimigos) imaginários bolsonaristas**

O discurso político tem como propósito organizar a vida em sociedade e governar a coisa pública (CHARAUDEAU, 2005). Para o autor, a ação política tem como objeto de busca um “bem soberano” que une a instância política e a instância cidadã na partilha de um “ideal social” que se precisa atingir e para cuja obtenção é necessário indicar os meios (CHARAUDEAU, 2005). Mas as pessoas que vivem em um mesmo território são diversas, sendo, a priori, também diversos os seus interesses e objetivos, de modo que a questão que se coloca à prática política é: definir um ideal que pretenda à universalidade e faça a pluralidade humana viver em comunidade num espaço determinado (CHARAUDEAU, 2005). Assim, “[o] discurso político pretende ser, em seu propósito, um discurso de verdade que diz qual é o

sistema de valores em nome do qual deve se estabelecer o elo social que une essa diversidade” (CHARAUDEAU, 2005, p. 190).

Entretanto, é na/pela linguagem que se fundam e configuram os sistemas de valores dentro dos diferentes grupos de indivíduos, mediante suas experiências e significações do mundo (CHARAUDEAU, 2005). Por isso, entre interactantes cuja interação se dá no domínio da prática social político-partidária, é comum que haja uma disputa pelos ideais de verdade defendidos, havendo a refutação e o combate de ideias e de proposições defendidas pelos adversários. Também é usual que esses posicionamentos opositivos, e práticas adversativas que os acompanham, sejam intensificados em contextos de crise e/ou forte polarização. Situação que, pelo menos desde 2016, com a interrupção forçosa do governo petista<sup>3</sup>, temos visto se agravar gradativamente na política brasileira. Desse modo, antes de procedermos com as análises a que nos propusemos neste texto, convém descrever, ainda que brevemente, a situacionalidade sociopolítica da qual os atos de linguagem aqui tomados como *corpus* emergiram, para, então, nas subseções que seguem, apresentarmos cada uma das práticas linguageiras e, posteriormente, descrevermos suas regularidades quanto às construções de *pathos* e *ethos*.

Em um gesto de análise prévio – possibilitado pela experiência de viver no Brasil –, é difícil negar que a polaridade existente na política brasileira contemporânea tenha encontrado seu ápice nas duas últimas eleições presidenciais, ocorridas em 2018 e 2022. Ambas – constata-se por meio de uma rápida retomada histórica – protagonizadas, de um lado, por Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), e, de outro, por Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Antes da concretização da primeira dessas duas eleições, Lula foi impedido de continuar na disputa presidencial devido a um processo jurídico conduzido pelo, até então, juiz Sérgio Moro – mais tarde feito ministro do governo bolsonarista – que o levou à prisão, sendo, na ocasião, substituído por Fernando Haddad (PT), que foi derrotado nas urnas por Bolsonaro. Antes da segunda eleição, no entanto, o Supremo Tribunal Federal (STF) constatara que o já então ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro havia agido com parcialidade ao conduzir o julgamento de Lula, dado que o julgar nem mesmo estava sob sua competência<sup>4</sup>.

3 Conforme destacado por Miguel (2018), a estratégia política do PT de evitar confrontos, nos dois primeiros governos de Lula (2003-2006 e 2007-2011), acomodou a classe política majoritária, cuja preocupação é a obtenção de vantagens para si. Entretanto, nos governos de Dilma Rousseff (2011-2014 e 2015-2016), essa mesma tática desencadeou desentendimentos que influenciaram em uma interrupção de seu segundo mandato.

4 Conforme disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=468086&ori=1>. Acesso em: 18 dez. 2022.

Dessa feita, as condenações que impediram Lula de disputar as eleições em 2018 foram anuladas, tornando-o novamente elegível. Elegibilidade essa que permitiu sua vitória nas eleições de 2022.

Na ocasião das duas campanhas eleitorais, em variadas situações comunicativas, circularam, entre as discursividades bolsonaristas, informações referentes a pautas defendidas pela oposição, que se constituíram, na perspectiva dessa visão de mundo, em verdadeiras motivações morais para lutar em prol da derrota do candidato petista. Neste texto, abordamos quatro dessas motivações – a saber: banheiro unissex em escolas; “*kit gay*”; destruição da família; e ameaça comunista – para compreender os imaginários sociodiscursivos que fazem emergir, construindo, pelo que enunciam, possíveis efeitos patêmicos aos interlocutores e *ethos* ao candidato Jair Bolsonaro. Sendo assim, para cada uma dessas quatro temáticas significadas como pautas defendidas por Lula, selecionamos uma situação comunicativa em que isso é enunciado e descrevemo-las nas subseções que seguem para refletir sobre suas regularidades e possíveis efeitos de *pathos* e *ethos*.

### **Sobre a implantação de banheiros unissex em escolas públicas**

Nas eleições de 2022, sobretudo após o primeiro turno, intensificou-se a veiculação de informações referentes a uma suposta intenção do candidato Lula por implantar, em escolas públicas, banheiros cujo acesso não seria limitado em função do sexo/gênero do alunado. As duas situações comunicativas em que essa pauta é atribuída a Lula por Bolsonaro e pelo bolsonarismo não podem ser facilmente recuperadas. Isso porque, uma delas é uma *live* promovida pelo candidato Bolsonaro e transmitida por meio da plataforma de vídeos YouTube; e a outra refere-se a uma postagem no Twitter do cantor Latino, pelo próprio artista, em apoio a Bolsonaro, com insinuações similares.

Nenhuma dessas duas situações pode ser facilmente acessada porque Alexandre de Moraes, o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), determinou que ambos os conteúdos fossem excluídos. Determinação que se fundamentou no binômio “liberdade e responsabilidade” consagrado na Constituição Federal, segundo o qual, ainda que em período eleitoral, não se pode utilizar abusivamente da liberdade de expressão como possibilidade de propagação de discursos de ódio e/ou de práticas antidemocráticas<sup>5</sup>.

---

5 Conforme disponível em: <https://www.jota.info/eleicoes/tse-manda-remover-publicacoes-que-dizem-que-lula-implantara-banheiro-unissex-em-escolas-21102022>. Acesso em: 18 dez. 2022.



Mesmo com tal determinação e definição de multa em caso de desobediência, o candidato à Presidência da República do Partido Liberal não se absteve de atribuir essa pauta a intenções políticas de Lula em, pelo menos, mais de uma ocasião oficial: o primeiro debate presidencial do segundo turno, coorganizado por UOL, TV Bandeirantes, TV Cultura e Folha de São Paulo<sup>6</sup> e transmitido pública e gratuitamente aos dezesseis dias de outubro de 2022. A referida ocasião, nesse sentido, trata de uma situação comunicativa formal em que ambos os sujeitos falantes ocupam a posição social de candidatos à Presidência da República.

No dado momento em que Bolsonaro retoma a discursivização da temática do banheiro unissex, ele sai de trás do púlpito em que se localizava anteriormente para o debate e caminha adiante, aproximando-se e olhando fixamente para a câmera enquanto fala. Para em certo momento, centralizado na tela, deixando atrás de si um fundo azul escuro com linhas de relevo em tons mais claros da mesma cor; também ao fundo, a sua esquerda, encontra-se o púlpito vazio de onde Bolsonaro saiu; e, a sua direita, em outro púlpito, permanece o candidato Lula folheando alguns papéis. Em sua fala, Bolsonaro enuncia:

**A1:** “O que eu quero para o meu país? Primeiro, quero um país livre, um país onde seja respeitado [sic] a liberdade de expressão, um país onde você possa ir com segurança pra a casa, possa trabalhar, possa ter a certeza que teu filho vai para a escola e não vai ser cooptado e ensinado para ele coisas que os pais não querem em casa: a tal da ideologia de gênero. Não queremos que os nossos filhos, ao irem para a escola, frequentem o mesmo banheiro. Essa é a política do lado de lá [Aponta com os polegares rumo a seu ombro direito, atrás do qual Lula se encontra, em seu púlpito] [...]”<sup>7</sup>.

### **Sobre a distribuição de kits gays em escolas públicas**

Em diversas situações comunicativas, Bolsonaro enunciou sua posição contrária a um – por ele denominado – “*kit gay*”, um material didático que, supostamente, seria distribuído pelo governo federal petista às escolas públicas de ensino básico. Entretanto, apesar das enunciações bolsonaristas, não há qualquer indício da existência de tal material. A medida governamental petista que mais se aproxima do que as enunciações bolsonaristas se referem por “*kit gay*” consiste em um projeto de 2004 intitulado “Escola sem homofobia”, que

---

6 O trecho do referido debate em que o candidato Bolsonaro faz alusão à intenção de Lula em implantar banheiros unissex em escolas está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vVUu9\\_zQlzs](https://www.youtube.com/watch?v=vVUu9_zQlzs). Acesso em: 18 dez. 2022.

7 A pontuação utilizada no trecho transcrito foi nossa determinação, em consonância com as pausas e tonalidades que observamos da enunciação do sujeito falante.

visava à preparação de educadores, e não de estudantes. Além disso, em distintas situações, ao enunciar o “*kit gay*”, Jair Bolsonaro apresentou o livro “Aparelho sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas”. Porém, também não há registros de que esse livro tenha sido incluso, em qualquer governo, em algum projeto<sup>8</sup>. Dado o histórico falacioso das enunciações acerca do “*kit gay*”, assim como se fez com informações pertinentes à implantação de banheiros unissex, foi determinado, pelo TSE, que postagens que fizessem alusão a esse material, vinculando-o ao Partido dos Trabalhadores, fossem excluídas das redes sociais.

No entanto, às vésperas do primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, o *Jornal Nacional*, produzido e transmitido pela Rede Globo, entrevistou candidatos à presidência e, dentre eles, Jair Bolsonaro. Trata-se também de uma situação comunicativa formal em que o sujeito falante exerce seu papel social de candidato ao cargo de Presidente da República. Na ocasião, ao ser questionado sobre posicionamentos e dizeres homofóbicos proferidos em situações prévias, Bolsonaro enuncia:

**A2:** “Isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo. Até aquele momento, eu era uma pessoa normal, como você [aponta para um dos entrevistadores, William Bonner] é normal por aí, no tocante a isso. E eu passando pelos corredores da Câmara [dos Deputados], eu vi algo acontecendo de forma esquisita: um grupo... porque não é normal você ir à praia e encontrar gente de paletó e gravata; ou, num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança lá: Vai haver alguma Parada de Orgulho Gay na Câmara?. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito: 9º Seminário LGBT Infantil. Estavam discutindo ali, né? Comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “*kit gay*”. Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner [Bolsonaro expõe o livro “Aparelho sexual e Cia” às câmeras]. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que, na biblioteca das escolas públicas, tem... [Nesse momento, os âncoras do *Jornal Nacional* repreendem o candidato, informando que é uma regra que os candidatos não mostrem qualquer documento durante as entrevistas. E, após um trecho de discussões, Bolsonaro continua] Então, olha só, eu vou mostrar em uma *live*, depois do programa, o livro, sem problema nenhum”<sup>9</sup>.

Sobre tais declarações de Bolsonaro na entrevista, cabe destacar que a vinculação que o candidato faz entre seus adversários e o “*kit gay*” consiste no implícito de que o Ministério da Educação (MEC) seria o responsável pela seleção e distribuição de materiais

<sup>8</sup> Conforme disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/tse-determina-que-redes-sociais-apaguem-posts-sobre-kit-gay/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

<sup>9</sup> A entrevista completa está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

didáticos nas escolas públicas. Assim, considerando que, em 2010, ano mencionado pelo candidato, o ministro da Educação era Fernando Haddad, Bolsonaro marca a responsabilidade que o petista tinha em relação ao material. Essa atribuição de responsabilidade sobre o “*kit gay*” dos governos petistas é retomada na campanha de 2022, mas, como mencionamos, o STE determinou a exclusão de alusões a isso, que se considerou uma informação falaciosa.

### **Sobre a destruição das famílias**

É recorrente, em pronunciamentos políticos bolsonaristas, a enunciação da luta em defesa da família. Desde que foi eleito, em 2018, Bolsonaro formulou isso em discursos oficiais em diferentes aberturas das edições da Assembleia Geral das Nações Unidas, em propagandas eleitorais e em debates políticos. Mas, para ilustrar essas recorrências, trazemos a situação comunicativa em que, exercendo seu papel social político, o presidente faz um pronunciamento em 14 de julho de 2022, no 38º CEADEMA (Congresso Estadual das Missionárias e Dirigentes de Círculo de Oração da Convenção Estadual das Assembleias de Deus do Maranhão).

Em certo momento do evento, Bolsonaro posiciona-se no púlpito e enuncia, dentre outras formulações:

**A3:** “O que eu peço a vocês: não podemos voltar ao que era antes. Onde uma pessoa defende aborto, defende ideologia de gênero e ataca a família brasileira. Não podemos ter essas pessoas voltando para a política. Todos nós pagaremos um preço muito alto com isso”<sup>10</sup>.

### **Sobre a ameaça comunista**

A discursivização de ameaças comunistas é uma já antiga estratégia política da extrema direita brasileira para atender a fins antidemocráticos. Ela foi empregada, por exemplo, para mobilizar as massas contra a desordem social que o comunismo ocasionaria e, assim, para fundamentar o Golpe de 1964 e conseqüente implantação da ditadura militar, que se estendeu até os anos 1980. Em tempos de pré-eleições presidenciais de 2022, vemos essa

---

10 Conforme disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/07/5022260-em-evento-bolsonaro-restringe-familias-a-um-homem-uma-mulher-e-filhos.html>. Acesso em: 18 dez. 2022.

estratégia ser retomada em enunciações bolsonaristas, atribuindo a seu adversário Lula a intenção de implantação do comunismo em território brasileiro.

Uma enunciação bolsonarista em que isso ocorre consiste em uma situação comunicativa na qual o candidato à presidência participa de um comício eleitoral na cidade de Sorocaba, no estado de São Paulo, aos 13 dias do mês de setembro de 2022. Na ocasião, do alto de um trio elétrico, exercendo seu papel de político em campanha eleitoral, o então presidente enuncia:

**A4:** “Temos um mal pela frente, um capeta pela frente, que quer impor o comunismo no nosso Brasil. Uma pessoa que foi liderança mundial em corrupção, uma pessoa que nada deixou de bom para o nosso país. Lá atrás, um ex-presidente que nunca respeitou a família brasileira. Tenham certeza que mais quatro anos, entregando pela frente para outra pessoa da mesma linha nossa, nós faremos a diferença no cenário mundial”<sup>11</sup>.

### **Fobos, *pathos* e *ethos* em discursos bolsonaristas**

As quatro enunciações descritas concretizam-se em situações comunicacionais distintas (debate, entrevista, pronunciamento em um evento religioso e em um comício eleitoral) que acontecem em diferentes ocasiões (pós e pré primeiro turno das eleições de 2022 e campanha eleitoral das eleições de 2018). Além disso, cada uma das enunciações toma como seu objeto uma temática própria (banheiro unissex, “*kit gay*”, destruição da família e ameaça comunista).

Contudo, em detrimento de suas especificidades, há regularidades que são observadas em todas as quatro situações. Todas elas, por exemplo, encontram-se no domínio social da política em que Bolsonaro, de sua posição socioprofissional de candidato à Presidência da República, é um locutor que fala não apenas à instância jornalística ou a seus adversários, mas também ao público eleitor, até mesmo nas situações em que não vê esse público eleitor, como são os casos do debate para o segundo turno das eleições e da entrevista para o Jornal Nacional. Na primeira dessas ocasiões, Bolsonaro não perde de vista a interlocução com o público eleitor, quando enuncia, por exemplo, o trecho “o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala” (A2); e, na segunda das duas ocasiões, quando Bolsonaro sai de trás do púlpito e caminha enquanto fala, olhando fixamente para a câmera,

---

11 Conforme disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/09/5036477-em-comicio-bolsonaro-chama-lula-de-capeta-e-diz-que-vencera-no-1-turno.html>. Acesso em: 18 dez. 2022.

de modo a parecer, para quem o assiste, que o candidato olha em seus próprios olhos, isto é, parecer que fala olhando diretamente nos olhos do telespectador.

Também é uma regularidade nessas enunciações posicionar-se distintamente de seu principal adversário frente aos objetos que mobiliza. Mais do que isso: é uma regularidade a *necessidade* explicitada de reiteradas delimitações quanto a seus posicionamentos e os de Lula. Não é este que enuncia seus posicionamentos favoráveis a cada uma das temáticas, mas Bolsonaro que as atribui a Lula, para, então, reafirmar-se em oposição.

Por fim, para que possamos analisar os possíveis efeitos patêmicos e as imagens de si criadas por essas enunciações, destacamos, como uma última regularidade que nelas identificamos, a escassez de argumentos e provas concretas fornecidas por Bolsonaro para apresentar cada uma das temáticas que menciona. Isso porque, como mencionamos, de duas delas – “*kit gay*” e banheiro unissex – foi determinado judicialmente um impedimento para sua veiculação, dada a não veracidade de suas informações; de outra – ameaça comunista –, apesar de sua retomada em diferentes momentos da história do país, não há indícios comprovados de sua existência, menos ainda de que Lula, o candidato eleito em 2022, intencione implantar essa ordem socioeconômica. A relação entre o PT e o comunismo, entretanto, é uma reciclagem desenvolvida pela direita radical brasileira de um discurso que já parecia ultrapassado: o anticomunismo, que, então, é relacionado a antipetismo (MIGUEL, 2018).

No que se refere à temática da destruição da família, destacamos seu contexto linguístico, isto é, sua vizinhança verbal. Ao mencionar seu compromisso com a defesa da família e/ou a ameaça a sua destruição que representaria o posicionamento de seu adversário, é comum que Bolsonaro enuncie outros objetos discursivos: aborto; ideologia de gênero<sup>12</sup>; e os elementos constituintes do que seria uma família, isto é, homem, mulher e filhos<sup>13</sup>. Observando a recorrência desse contexto linguístico em enunciações sobre a defesa/destruição da família, percebemos que esses outros objetos mencionados constituem os próprios artifícios pelos quais as famílias estariam ameaçadas. Nas representações sociais de família mobilizadas pelos imaginários sociodiscursivos bolsonaristas, o aborto, a mencionada

---

12 Como na situação que expusemos na subseção sobre a destruição da família e no pronunciamento presidencial na Assembleia Geral das Nações Unidas de 2022, conforme descrição disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2022/09/bolsonaro-defende-familia-e-protecao-vida-na-onu.html>. Acesso em: 18 dez. 2022.

13 Como na ocasião descrita em: <https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-defende-familia-formada-por-homem-e-mulher-em-evento-com-evangelicos/>, em que Bolsonaro critica governos anteriores, nos quais, em suas palavras, “qualquer “juntamento” de dois seres vivos passou a ser uma família”. Acesso em: 18 dez. 2022.

ideologia de gênero e as constituições familiares distintas das cisheteronormativas burguesas levariam a instância familiar à destruição. Nesse sentido, o alinhamento partidário a movimentos sociais como os feministas e LGBT+<sup>14</sup>, cujas pautas, recorrentemente, são articuladas aos partidos de esquerda, como o PT, representaria a materialização dessa ameaça no domínio político.

Mas não há universalidade nas representações sociais do que seja a destruição da família. Existem outras possibilidades de organização familiar, como aquelas estruturadas por indivíduos LGBT+, que fogem às discursivizadas pelas enunciações bolsonaristas, ainda assim, sendo definidas por família e não produzindo qualquer desmantelamento do que se refere por família nuclear. Dessa maneira, não se pode afirmar que há substancialidade concreta em qualquer das quatro atribuições de intenção feitas a Lula pelas enunciações bolsonaristas. Conforme Charaudeau (2007, p. 247), nos atos de linguagem do domínio da prática política, “[a] instância política está toda direcionada a um “agir sobre o outro” que deve ser acompanhado de uma “exigência de submissão do outro”, o que explica que essa tensão seja orientada em direção à produção de efeitos”. Nesse sentido é que se pode afirmar que, para produzir os efeitos de patemização visados e a construção de *ethos* de Bolsonaro, tais enunciações utilizam como estratégia a invenção de inimigos combatíveis. Isso, pois, ainda segundo Charaudeau (2007, p. 248), “o discurso político é um lugar de uma verdade de mãos atadas, de faz-de-conta, já que o que é considerado não é tanto a verdade desta fala lançada publicamente, mas sua força de “veracidade””. O que importa às discursividades bolsonaristas não é propriamente a veracidade das informações que veiculam sobre as pautas que atribuem a seu adversário político, mas os efeitos que elas produzem.

Sendo assim, podemos perceber que o efeito patêmico visado pela discursivização de tais “inimigos imaginários” é a mobilização de uma tópica da emoção, a fim de persuadir, de despertar o *pathos*, a indignação do eleitor. Nesse caso, a tópica da emoção mobilizada é a da antipatia, que, de acordo com Charaudeau (2007), orienta os afetos dos interlocutores contra um inimigo comum: “Temos um mal pela frente, um capeta pela frente” (A4); “Todos nós

---

14 Conforme destacado por Silva (2022), a proliferação de siglas e nomes para designar sujeitos não cisheterossexuais, ao passo que promove representatividade e visibilidade, atende a uma ordem colonial de poder, saber e ser, que faz ser necessária essa designação, para que se diferencie a norma (cisheterossexual) e a dissidência (o que não é cisheterossexual). Além disso, o autor mostra como a sigla que nomeia o movimento LGBT+ sofre alterações e é objeto de disputa entre seus próprios integrantes. Por isso, optamos aqui por utilizar aquela que, até então, está/ficou por mais tempo estabelecida no movimento, como o faz o autor, isto é, a sigla LGBT+. Por fim, convém destacar que isso não visa desconsiderar a pluralidade de existências, mas, como Silva (2022) aponta, destina-se a mostrar o próprio fato de que, por serem plurais e múltiplas, as possibilidades de identificações sexuais não podem ser esgotadas.

pagaremos” (A3); “Essa é a política do lado de lá” (A1). Para a delimitação desse inimigo, é preciso que se designe “a “fonte do mal” sob a figura de um culpado que não deve estar determinado de forma precisa e deve deixar pairar a impressão de que age na surdina” (CHARAUDEAU, 2007, p. 249). Isso justifica a falta de argumentos concretos para a responsabilização de Lula sobre as pautas. Os discursos bolsonaristas buscam mobilizar imaginários e valores passíveis de despertar a emoção do medo em relação às intenções petista quanto às temáticas elencadas.

As enunciações bolsonaristas também colocam em cena uma tópica (imaginário sociodiscursivo passível de produzir uma dada emoção) da angústia, um modo de espera promovida por um actante-objeto não conhecido, mas representa perigo para o sujeito (CHARAUDEAU, 2007), denunciando situações de declínio moral de que o povo seria vítima: “quer impor o comunismo no nosso Brasil” (A4); “foi liderança mundial em corrupção” (A4); “nada deixou de bom para o nosso país” (A4); “não podemos voltar ao que era antes” (A3); “o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui” (A2); “possa ter a certeza que teu filho vai para a escola e não vai ser cooptado e ensinado para ele coisas que os pais não querem em casa” (A1).

Esses efeitos patêmicos visados jogam com a expectativa de poder, uma característica das situações comunicacionais do domínio político. Esse jogo é feito em nome de valores que se espera sejam comuns entre a instância cidadã e a instância política<sup>15</sup>, de modo que ambas compartilhem um ideal de “viver junto” (CHARAUDEAU, 2007, p. 248). Dessa forma, no que tange à criação de imagens de si, vemos dois *ethé* serem construídos: um *ethos* de credibilidade, que visa promover Bolsonaro como credível aos olhos da instância cidadã; e um *ethos* da identificação, que torna Bolsonaro atrativo e passível de concretizar os efeitos patêmicos de afetação de seus interlocutores, de modo que estes se reconheçam nele.

O primeiro, o *ethos* da credibilidade, conforme a leitura que Ribeiro *et al.* (2017) fazem da obra de Charaudeau, resulta de uma imagem do sujeito falante, construída por sua própria enunciação, que o significa como digno de credibilidade. Essa construção se dá por meio da satisfação de certas condições: de transparência, que leva o político a uma demonstração de coerência entre o que pensa e o que diz (“eu vou mostrar em uma live, depois do programa, o livro, sem problema nenhum”, em A2); de performance, necessitando que o político demonstre que tem meios de realizar o que promete; e de eficácia, que

---

<sup>15</sup> De acordo com Charaudeau (2007), as instâncias são definidas pela finalidade comunicacional, por exemplo, reivindicar, denunciar, propor etc.

estabelece que o discurso do político é seguido de efeito (“Tenham certeza que mais quatro anos, entregando pela frente para outra pessoa da mesma linha nossa, *nós faremos a diferença no cenário mundial*”, em A4).

O segundo *ethos*, o da identificação, funda-se nos afetos sociais e é construído por outros *ethé*, como os da potência, do caráter e da humanidade (RIBEIRO *et al.*, 2017). O *ethos* da potência refere-se a uma força de natureza corpórea e leva em consideração o contexto social, podendo ser expresso, por exemplo, através da figura da virilidade sexual<sup>16</sup> e da exaltação do preparo físico<sup>17</sup>. Por seu turno, o *ethos* do caráter remete a uma força de espírito, construída, por exemplo, por figuras de polêmicas que revelam uma indignação do caráter (“Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. *Repito: 9º Seminário LGBT Infantil*”, em A2). E, por fim, o *ethos* da humanidade se constrói pela demonstração de compaixão pelos que sofrem e/ou são prejudicados (“*os nossos filhos, ao irem para a escola, frequentem o mesmo banheiro*”, em A1).

A construção do *ethos* de identificação por esses *ethé* também são passíveis de produzir efeitos patêmicos, uma vez que jogam com os afetos sociais. Com a exaltação de seu vigor, retidão moral e compaixão por quem precisa de proteção e de assistência, em consonância com a designação de um mal a ser extirpado e dos valores sociais comuns a serem buscados, as enunciações bolsonaristas ainda instauram Bolsonaro como um líder que pode salvar seu povo dessas ameaças. Como argumenta Charaudeau (CHARAUDEAU, 2007), nessa autoinstauração como salvador da pátria, o político exalta valores e faz-se deles um porta-voz, passando a uma reapropriação de identidade originária (“quero um país *livre*, um país onde seja *respeitada a liberdade de expressão*, um país onde você possa ir com *segurança* para a casa, possa *trabalhar*”, em A1). Além disso, o autor expõe que essa estratégia extremista é própria da democracia, dado que leva a instância política a se opor a adversários – como já demonstramos anteriormente, inclusive na significação, pelo bolsonarismo, de suas oposições políticas como um grande mal a ser derrotado – enquanto se coloca como líder incontestável e exalta valores de idealismo social.

---

16 Conforme disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/saude-e-bem-estar/2022/09/15076259-o-que-e-imbrotavel-fala-de-bolsonaro-leva-a-discussao-medica-sobre-disfuncao-eretil.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

17 Conforme disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-faz-flexoes-com-joao-doria-e-vira-chacota-na-internet/>. Acesso em: 19 dez. 2022.



## Considerações finais

A enunciação – e os modos com que ela se concretiza – cria imagens de quem diz, as quais são cruciais para a interlocução dos atos de linguagem. Uma vez que dependem das representações sociais constituintes de imaginários sociodiscursivos que se estabelecem nos grupos sociais, elas são elementares à enunciação, influenciando no próprio processo de significação daquilo que se enuncia. Com seu dizer, o enunciador não apenas afeta quem o escuta, como também projeta imagens de si e de seu interlocutor a partir dos papéis sociais que exerce, marcando também uma relação com saberes.

Em discursividades bolsonaristas, é possível identificar regularidades que projetam imagens de Lula, seu principal oponente político, como um mal a ser extirpado, como o defensor de valores que visam à desordem social e à imoralidade; e, por outro lado, projetam imagens de Bolsonaro associadas a um líder digno de credibilidade para livrar a sociedade desse destino, promovendo-o como político cujos princípios morais incitariam a população a se aliar a ele. Para essa delimitação adversativa, contudo, as discursividades bolsonaristas se valem de estratégias que consistem em designar a fonte do mal através de objetos discursivos que não são facilmente assinaláveis e palpáveis devido à falta de argumentos e provas concretas para sustentar o que dizem, mas que patemizam estados de medo e alerta em seus interlocutores. Fazem pairar no ar um pavor que se baseia na suspeita de concretude acerca daquilo que afirmam.

Tal como o deus da guerra da mitologia grega, Jair Messias Bolsonaro (PL), discursivizando formulações passíveis de propagar o medo e o pavor, delega funções a Fobos e Deimos em suas enunciações no interior do campo de batalhas em que está inserido: o domínio social da prática política. Apesar de os filhos de Ares e Afrodite não serem invocados fisicamente para provocar medo e terror nos oponentes, tal como o eram nos contos mitológicos, simbolicamente, os gêmeos ainda atuam na organização de inimigos comuns e na criação de heróis para os combater. Refletimos, portanto, que Fobos e Deimos, eles próprios, funcionam como tópicos de *pathos*, visando produzir o terror contra inimigos a serem combatidos, orientando, conseqüentemente, a criação de *ethos* em discursos bolsonaristas, projetando o ex-presidente como indivíduo capaz de combatê-los.

## Referências:

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. *Em*: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *Em*: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 2, p. 23–56.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 571–591, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. *Em*: CARNEIRO, Agostinho Dias (org.). *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996. p. 5–43.

CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos* e discurso político. *Em*: MACHADO, Ida Lúcia; MENZES, William; MENDES, Emília (org.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. v. 1, p. 240–251.

CHARAUDEAU, Patrick. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 187-208.

MIGUEL, Luís Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: Gallego, Esther, S. (Org). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

RIBEIRO, Leandro Lima et al. *O éthos discursivo no gênero propaganda política de Kelps Lima à prefeitura de Natal*. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/27498>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SILVA, San Thiago de Araújo e. *A que(m) atendem as categorizações identitárias?: um estudo sobre o pensamento de vida LGBT+*. 2022. 220 f. Mestrado em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35923>. Acesso em: 16 jul. 2022.

## Websites consultados:

FOBOS E DEIMOS: OS COMPANHEIROS GREGOS DE GUERRA | SPARTACUS BRASIL. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.spartacusbrasil.com/l/fobos-e-deimos-mitologia-grega/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MARTE, FOBOS E DEIMOS. *Em*: EDITORA HÉRCULES. 28 ago. 2020. Disponível em: <https://editorahercules.com.br/marte-fobos-e-deimos/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

## ENEMIGOS IMAGINARIOS: DEIMOS, FOBOS, *PATHOS* Y *ETHOS* EN DISCURSOS BOLSONARISTAS

**RESUMEN:** El dominio político es un campo de dramatización orientado a producir efectos en la instancia ciudadana. Utiliza enunciados para afectar al público votante, a veces, a través de las de emociones y de la creación de imágenes para los sujetos hablantes. Así, este artículo objetiva analizar cuatro formulaciones bolsonaristas para, identificando regularidades entre ellas, reflexionar sobre los efectos de *pathos* proyectados y los *ethé* que construyen de Jair Bolsonaro. A través del estudio del *pathos* y el *ethos* bolsonarista, objetiva caracterizar los propios imaginarios sociodiscursivos que subyacen y justifican estos enunciados. Para ello, el análisis se basa en los presupuestos teóricos de la Semiología, propuestos por Patrick Charaudeau y realiza búsquedas virtuales de registros de situaciones comunicativas a partir de cuatro temáticas: baño unisex, “*kit gay*”, destrucción de la familia y amenaza comunista. Seleccionados en un gesto analítico previo, estos temas tienen en común la delimitación, por parte de las declaraciones de Bolsonaro, de las posiciones bolsonaristas y de su principal opositor: Lula. Identificamos la patemización del miedo frente a un enemigo y la construcción de *ethé* que significan Bolsonaro como digno de credibilidad para enfrentarlo. En las situaciones que se presentan, la designación de un mal pretende alinear a la población contra enemigos comunes.

**PALABRAS CLAVE:** Semiología, *Ethos*, *Pathos*, Política brasileña, Bolsonarismo